

Mágoa De Boiadeiro

Pedro Bento e Zé da Estrada

Introdução: A D E7 (A) (E7) A

A E D A  
Antigamente nem em sonho existia,  
E A  
tantas pontes sobre os rios nem asfalto nas estradas  
E D A  
A gente usava quatro ou cinco sinuelos,  
E A  
prá trazer o pantaneiro pro rodeio da boiada  
D A  
Mas hoje em dia tudo é muito diferente,  
E A  
com progresso nossa gente nem sequer faz uma idéia  
D E A  
Que entre outros fui peão de boiadeiro  
E A  
por este chão brasileiro os heróis da epopéia.

E D A  
Tenho saudade de rever nas currutelas as mocinhas  
E A  
na janela acenando uma flor  
E D A  
Por tudo isso eu lamento e confesso que  
E A  
a marcha do progresso é a minha grande dor  
D A  
Cada jamanta que eu vejo carregada  
E A  
transportando uma boiada me aperta o coração  
D E A  
E quando olho minha traia pendurada de tristeza  
E A  
dou risada prá não chorar de paixão.

E D A  
O meu cavalo relinchando pasto a fora  
E A  
Que por certo também chora na mais triste solidão  
E D A  
Meu par de esporas meu chapéu de aba larga,  
E A A  
uma bruaca de carga, um berrante e um facão.  
D A  
O velho basto o sinete e o apero,  
E A

o meu laço e o cargueiro o meu lenço e o gibão

**D E A**

Ainda resta a guaiaca sem dinheiro

**E A**

deste pobre boiadeiro que perdeu a profissão

**E D A**

Não sou poeta, sou apenas um caipira

**E A**

e o tema que me inspira é a vida de peão

**E A**

Quase chorando imbuído nesta mágoa

**E A**

rabisquei estas palavras e saiu esta canção

**D A**

Canção que fala da saudade das pousadas

**E A**

que já fiz com a peonada junto ao fogo de um galpão

**D E A**

Saudade louca de ouvir o som manhoso

**E A**

de um berrante preguiçoso nos confins do meu sertão.